

## CADEIRA N.º 34

*Patrono:* Samuel Uchoa

*Vaga:* Falecimento de José de Figueiredo Filho

*Recipiêndo:* Mozart Soriano Aderaldo

*Recipiendário:* José Denizard Macedo de Alcântara

*Data da posse:* 1º de setembro de 1974

JOSÉ DENIZARD MACEDO DE ALCÂNTARA. Nasceu em 1.º de setembro de 1921, na cidade do Crato, filho de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo de Alcântara. Contador pela Academia de Comércio do Ceará em 1942, e Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1945. Conquistou a livre-docência e o doutoramento na U.F.C., mediante concurso de títulos e defesa de tese, em 1960. Professor do Magistério do Exército. Catedrático do Instituto de Educação do Ceará, da Faculdade Católica de Filosofia e da Escola de Serviço Social do Ceará. Publicou: *A Universidade na Defesa Nacional* (1941); *Fundamentos da Administração Cearense* (1946); *A Conjuntura Histórico-Geográfica da Industrialização Brasileira* (1948); *Racionalização da Competência Administrativa do Município* (1950); *Geografia da América* (1952); *Cultura e Universidade* (1967); *Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra* (1957); *Ascensão e Declínio do Magistério Brasileiro* (1971); *Ensino de Filosofia no Ceará* (co-autoria, 1972); *Roteiro da História da Independência* (1972).

---

### *Mozart Soriano Aderaldo*

Quando dos festejos comemorativos dos cinquenta anos de outro amigo igualmente querido, o grande poeta Artur Eduardo Benevides, tentei gisar, com as lilases cores da saudade, o tempo em que amanhecemos para a vida.

Foi aí pelo fim da década de 30 e início dos anos 40. Vai para trinta e tantos anos.

Nossa progressista capital guardava, ainda, traços de cidade provinciana.

Os estudantes em geral sentiam-se atarantados dentro dos quadros de um mundo que mal despertara para a trágica realidade da Segunda Grande Guerra.

Nem todos, porém, se mostravam desorientados, pois tínhamos naqueles tempos, ao contrário do que parece acontecer nos dias atuais, uma Fé inquebrantável, muitos de nós confiando em Deus, todos pelo menos seguros da destinação superior do Homem — como já foi por mim enfaticamente afirmado.

A imagem desse tempo é daquelas que não se apagam jamais. Longe do falso otimismo da centúria passada, a Primeira Grande Guerra iniciara, propriamente, o Século XX, bem mais merecedor, do que os cem anos anteriores, do desabafo de Leon Daudet, para quem o chamado “Século da Luz” não passava de “estúpido”.

Despertáramos, já, da ilusão e da irresponsabilidade da *Belle Époque* e achávamo-nos estarrecidos diante da realidade de um mundo que, a partir da Renascença, a princípio se limitara a ignorar a Divindade, para em seguida afastar-se, gradativa e firmemente, dos moldes católicos de civilização e de cultura.

Primeiramente, foi no campo da Arte que se manifestou o esfriamento do misticismo medieval. Depois, a própria Religião sofreu o protesto de Lutero, de que resultou o livre-exame de uma Verdade revelada. A ordem política, atingida pela propaganda organizada em torno da idéia de que o Poder não vem de Deus, mas do Povo — substantivo abstrato que, desvirtuado de seu verdadeiro sentido, serve a todas as formas de subversão —, complementou, com a vitória da Revolução Francesa, o dessoramento iniciado. O quarto passo seria dado com a descristianização da Economia, em conseqüência da Revolução Industrial Inglesa, transformado o trabalho humano em mera mercadoria, sujeita à lei da oferta e da procura. Afinal, sofremos a Revolução Russa, que passou a ignorar e até a combater qualquer idéia de sobrenaturalidade, colocando o ideal humano no baixo nível da simples satisfação dos instintos.

Custa a crer que a sucessão de pensamentos anti-católicos possa ter logrado êxito diante de um mundo que, bem cu mal, era cristão em seus fundamentos. E mais estarrece o fato de que, para o seu sucesso, não tenham estado ausentes alguns ou muitos daqueles que antes deviam obstar o livre curso dessas idéias deletérias, de que constitui fatídico exemplo o ataque sofrido pela Família cristã, atualmente, partido ce todos os flancos.

Seria assim compreensível que a juventude florescente no fim da década de 30 e início dos anos 40 se mostrasse estarecida e até pessimista diante da triste realidade que o mundo apresentava às novas gerações. “Ainda assim — já foi por mim dito e agora o repito — sentíamos a superioridade do espírito sobre a matéria, do humanismo sobre o tecnicismo já nascente, da Poesia e da Santidade sobre o interesse, por vezes inconfessável, e a artimanha capciosa. Tínhamos entre 18 e 22 anos. Sonhávamos. Fazíamos versos. Escrevíamos. Não morrera em nós a flor dourada da Esperança. Nossos ídolos nos apontavam o caminho do Dever e do Bem. Éramos bons filhos e porfiávamos em ser bons brasileiros e bons cristãos.”

Pensávamos ser ou, pelo menos, desejávamos nos afirmar como homens de pensamento, homens de letras. Pensadores ou literatos, tudo encaminhou o ideal de nossos verdes anos para o interesse maior de Deus e da Humanidade, da Pátria e da Família. E tudo servia de motivo para uma página, algumas estrofes, longas discussões. Debates que mantínhamos primeiramente nos Cafés — o “Eden”, o “Globo”, o “do Comércio”, o “Belas Artes” — depois nos bancos da Praça do Ferreira, até às 23 horas, quando partiam os bondes para as últimas viagens da noite; prolongavam-se pelas calçadas afora; e terminavam, já madrugada, nas esquinas próximas de nossas residências.

Cidade então ajustada a esse tipo de tertúlia, o fato é que, não se falando ainda em comunicação e diálogo, nunca houve, como naquela época, integração maior entre os jovens, assim como jamais ocorreu diálogo mais proveitoso entre as

gerações como no tempo em que éramos jovens e olhávamos, respeitosos, um Antônio Sales e um Pompeu Sobrinho.

Embaraçado, embora, pela emoção que me vence agora, posso, todavia, analisar com precisão os adolescentes que fomos e dizer, com aquele sorriso amável de ironia de que Saint-Beuve se munia ao referir-se a Lamartine, que não pássavamos de uns apedeutas que de nada dispúnhamos senão de nossas almas... Mas tínhamos nossas almas! E foi com esse espírito que sonhamos, desejamos, quisemos a companhia das Belas Artes, especialmente da Literatura, essa “orgulhosa e esquiva castelã que se resguarda através de altas e quase inacessíveis muralhas”, de par com nossas preocupações com o destino sobrenatural e político do mundo.

Líamos e estudávamos ciências positivas e demais assuntos pragmáticos. Chegamos, mesmo, à condição de alunos distintos, em cujo futuro apostavam nossos mestres. Mas, se íamos pressurosos para as aulas e encontrávamos alguém do “grupinho”, estávamos perdidos... Nossa vaidade achava sempre tempo, numa Fortaleza sem televisão nem Beira-Mar, para o preparo das lições, a fim de não decepcionar os velhos mestres. Todavia, o de que gostávamos, mesmo, era de Literatura e das Ciências Sociais — a História, Mestra da Vida, a Sociologia, reveladora da realidade social, a Economia, reguladora do comportamento humano em face da riqueza, e a Política, ciência do governo dos povos. Em todas elas o primordial interesse pelo Homem. E isto nos marcou para o resto da vida.

É a outro companheiro desses antigos tempos, e depois laureado Professor José Denizard Macedo de Alcântara, que devo agora saudar, quando, por via de sua erudição e cultura, mereceu ingressar nesta Casa de tantas tradições, sucedendo a alguém que, como ele, se debruçou sobre os mesmos temas e assuntos de sua predileção e, também como ele, era nascido no Cariri ou, mais precisamente, na católica cidade do Crato, Cabeça de Comarca, Capital do Cariri e Coração do Ceará...

De então para hoje, os acontecimentos da história nos levaram a rever muitas das nossas posições, as minhas e as

dele, sempre mantido o velho liame, consolidado em vera amizade e — creio — em mútua admiração. Não obstante os muitos pontos de vista, teóricos e práticos, que nos dissentiam no campo político, havia entre nós dois muito de comum, e que é exemplo a nossa Fé em Deus, em Cristo e na Igreja, consolidada nos embates da Ação Católica do santo Arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa. Fé que transbordara em outros organismos, como a Congregação Acadêmica, abnegadamente dirigida pelo zelo apostólico do padre jesuíta José Batista da Conceição, e a União de Moços Católicos, assistida pelo bondoso padre lazarista Pedro Perdigão Sampaio. Esta, a Fé católica, ainda em nós persiste intrépida e pura, o que nos tem valido, e a outros que conosco igualmente pensam, duros sofrimentos, difíceis de suportar precisamente porque partem daqueles que, a despeito de por vezes merecerem nossas veementes críticas, muito amamos e desejaríamos admirar.

Aquelas diferenças se foram minimizando com o decorrer do tempo, em consequência de revisões que fazíamos em nossas anteriores posições. Creio poder afirmar que, decepcionado com certos aspectos da política que, sem limitações, abraçava, passou José Denizard a entender de modo mais ortodoxo o pensamento de Maritain, embora permaneça fiel ao fulcro mesmo do seu ideário de muitos anos, de modo a aproximar-se da doutrina que hoje abraço, após revisão que também procedi em relação aos meus pontos de vista, antes tão caprichosamente vinculados àquela chamada Democracia Cristã, mais formalista do que vital, indiscutivelmente responsável pela esquerdização do mundo e cuja volta é desejada por apegadas da matéria ou maliciosos solapadores da ordem pública. Sempre fiel ao próprio cerne de meu ideário de Democracia e Liberdade, profligo hoje o esforço dessorador de Mounier, ponto de partida de todas as defecções no Ocidente e elo primeiro da cadeia dos Le Bret, dos Chardin *et cetera*. De fato, quanto mais escravos de hábitos, mais reivindicadores de liberdades se mostram os homens, numa evidência de que o sublime Dom de Deus não terá de ser indiferente ao Bem e à Verdade, para ser legítimo e digno de respeito. As

acusações a Sócrates, a indiferença de Pilatos, a veemência dos acusadores de Cristo, a queimação de Joana d'Arc, o unilateralismo de Nuremberg — são tantas formas de liberdade que eu jamais defenderia. Sabemos, ainda, que Estados recém-saídos de regime opressor, subjugam, em nome da Liberdade, populações inteiras, impondo-lhes servidão mais grave do que a que anteriormente sofriam.

É que, hoje, para o mundo, brandura significa fraqueza ou, mesmo, covardia e, longe de desarmar os espíritos revoltos, até concorre para o agravamento dos problemas e das crises, uma vez que, como bem assinalou a sabedoria de Pio XII, vivemos em tempos de atrevimento dos maus e timidez dos bons...

A rica mensagem política de José Denizard, quase poética pela forma como a preconiza ele, estuante em todos os seus escritos, revela o fulgor de sua inteligência e a vastidão de sua cultura. Quanto a esta, se fundamentou no que há de mais puro e cristalino no pensamento da Cristandade, a começar por Santo Tomás, esquecido, hoje, de quantos subestimam o essencial para fixar-se no acidental, ombreando-se destarte com aqueles que dizem perseguir os mesmos objetivos cristãos mas escandalosamente negam a essência mesma do Cristianismo — Deus e a eternidade da alma humana. Aquela atitude ambígua, indubitavelmente contrária à boa tradição cristã, mal disfarça seu verdadeiro intento quando nos procura inculcar que os tempos modernos exigem o diálogo de contrários, não sendo difícil concluir que essa desculpa constitui, por si só, prova insofismável da influência esquerdista em todos os terrenos, inclusive no campo religioso, sabido que o jogo dos contrários é tese marxista aproveitada de Hegel. Razão, pois, teve Paulo VI quando, propugnando embora por um diálogo da Igreja com o mundo, advertiu antecipadamente que se há de exigir deste uma atitude sem cálculos e desarmada, valendo como repulsa a essa mão estendida a aceitação pérfida para fins inconfessáveis. E, dentre os vários obstáculos a esse diálogo, enfatizou ele os derivados da atitude daqueles “que fazem profissão clara de sua impie-

dade e a defendem como programa de educação humana e de atividade política". Isto, para o Papa reinante, torna o diálogo da Igreja com os marxistas praticamente impossível, evidência esta catastroficamente ignorada por muitos e muitos que antes deveriam propagá-la e, se preciso, morrer em sua defesa.

Mas, que esperar de quem trabalha para que seja varrida da sociedade a imagem de Deus e deseja implantado, em seu lugar, o "espírito do mundo", oculto por vezes sob múltiplas figuras aparentemente inócuas, em que o ter não é mais um meio porém um fim, em que o amor ao próximo por amor de Deus é traduzido no amor carnal não sacramentado, em que o Bem é perseguido por tortuosos e equívocos descaminhos que levam necessariamente ao Mal? Seria ingenuidade esperar algo positivo de quantos vêm sendo envenenados tecnicamente pelos propagadores desses ideais deletérios, para quem o direito ao gozo a qualquer preço justifica o esmagamento dos princípios morais e sociais em que se alicerça a família cristã, em quem se inculca, a propósito e sem propósito, a idéia da conformação com o fato consumado, que afoga no nascedouro qualquer movimento de inaceitação desse postulado amoral.

Esse diálogo mais se assemelha à capitulação do que à distensão. E a paz armada, não é a Paz verdadeira. É entrega, não é conquista. É dessoramento, não é consolidação. É medo da luta, não é amor. É complacência com o Mal, não é desejo do Bem. Para nós, que ainda pensamos com os perenes critérios, que amamos a Paz mas não fugimos do necessário combate, isto que aí está, longe de ser a presença de Deus no mundo moderno, significa a total descristianização da sociedade hodierna. É só olhar e ver os resultados, que, por decoro, me omito de referir.

Senhores:

Perdoem-me os que compareceram a esta festa de amizade ao Professor José Denizard e de reconhecimento aos seus indiscutíveis méritos intelectuais, a longa digressão, que teve início nos recuados anos da juventude de quem saúda e de

quem está sendo saudado, para melancolicamente findar nos tristes dias atuais. Mas seria necessário que assim eu procedesse, a fim de que devidamente situado ficasse aquele que hoje merece o ingresso na Academia Cearense de Letras.

Caririense de quase trezentos anos, ligado que se acha aos primeiros povoadores do ubertoso vale, provém José Denizard Macedo de Alcântara de numerosa família do sul do Ceará, os Terésios, tão bem estudados por Joarivar Macedo e assim chamados porque oriundos do Engenho Santa Teresa, situado em Missão Velha, tronco de inúmeras outras progênies, como aquelas de que descendem minha querida esposa e meus nobres amigos Antônio, Cláudio e Fran Martins, pertencentes os três a esta Casa de cultura. Na terra do berço, aprendeu José Denizard as primeiras letras e descobriu seu iniludível pendor para o estudo dos problemas sociais, sob a benéfica influência do Padre Antônio Gomes de Araújo, no Ginásio Diocesano do Crato. Ainda lá cursou a Escola de Comércio, única a seu alcance, integrando depois o corpo de seus professores e iniciando, assim, o exercício de uma vocação irresistível. Para essas promissoras primícias mister seria ambiente cultural mais vasto, e a vinda para Fortaleza se impôs, ocorrendo exatamente naqueles conturbados dias que de início relembrei. Universitário da Faculdade de Ciências Econômicas, apresentou, em 1941, tese ao V Congresso Nacional de Estudantes sobre “A Universidade e a Defesa Nacional”, em que pleiteou a criação de um CPOR para o Ceará. Como professor, por concurso, da então Escola Preparatória de Cadetes, divulgou, em 1946, um estudo sobre “O Ceará Militar na Colônia”. As raízes caririenses, sempre presentes, fizeram-no, em 1957, discorrer sobre a “Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro”, outro ilustre filho daquela região. Seguiu-se-lhe o estudo sobre a “Nomenclatura da Hierarquia Militar”, em 1959. No ano seguinte, escreveu ele sobre “Os Estabelecimentos Secundários de Ensino do Exército”. São quase todos opúsculos que, de par com uma apurada linguagem e absoluto domínio do vernáculo, demonstram sua iniludível vocação para os assuntos históricos, a partir de quando passou a

interessar-se também pelos problemas concernentes à educação. Assim é que, em 1962, divulgou José Denizard um estudo sobre a “Verificação no Rendimento da Aprendizagem” e, três anos depois, publicou um trabalho sobre “A Problemática do Magistério do Exército”. Seu recrutamento, pelo então Reitor Martins Filho, para uma das Pró-Reitorias de nossa Universidade Federal, orientou-o para o conhecimento em profundidade da problemática universitária, de que resultou o esplendoroso trabalho, sob a forma de discurso que proferiu, como orador oficial, na abertura do I Congresso Nacional de Professores Universitários, realizado, sob os auspícios da APESC, em 1971. Desse seu estudo — pois se trata de uma análise percucientíssima da realidade do ensino superior no Brasil — será bastante dizer agora que, por si só, compensaria os esforços para a realização do conclave, estando a merecer maior divulgação e melhor atenção por parte das autoridades educacionais do País. Quando das comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil, gizou ele e proferiu no Instituto do Ceará, sob a forma de conferência, magnífico trabalho sobre “Algumas Diretrizes na Compreensão da Independência Brasileira”, depois divulgado nas páginas da Revista do mesmo Instituto, onde suas idéias nacionalistas e regionalistas se acham ampla e claramente expendidas. Para ele, como, aliás, para seu ilustre antecessor nesta Casa, meu saudoso amigo José de Figueiredo Filho, e, para quantos, com equilíbrio, se manifestam sobre esses sentimentos aparentemente antagônicos, mister será distinguir o legítimo do falso nacionalismo. Os patriotas de todos os países, que são os verdadeiros nacionalistas, se assemelham no amor à terra do berço, mas se distanciam no modo de cultuar essa tradição, própria e inconfundível de cada um. Diferenciam-se todos para que, somadas essas preciosas particularidades, se possa ter o substrato da cultura universal. Os patriotas como que se isolam com o objetivo de se garantirem um lugar no concerto dos diversos povos, formando a comunhão universal. Os falsos nacionalistas, pelo contrário, são sempre semelhantes aos dos demais países, onde quer que se encontrem.

Seu isolamento não visa à preservação de sua cultura particular, sem prejuízo das tradições de outros povos, mas pretende impor seus postulados aos demais povos, asfixiando, garroteando, sufocando, estrangulando o que os outros desejam preservar para que se mantenha eternamente acesa a chama viva de suas mais caras tradições. “O patriotismo — assim se expressou, dentro desta linha de pensamento, o grande intelectual católico Gustavo Corção — é uma virtude moral anexa da Justiça.” E acrescenta: “O patriota deseja a nitidez de suas fronteiras; cultiva-a; exalta-a; mas, ao mesmo tempo, num aparente paradoxo, é capaz de compreender o patriotismo de outros. O nacionalista, ao contrário, se caracteriza por um isolamento moral e, portanto, imoral. Ele deseja fronteiras refratárias, onde se detenham, como inúteis para aquela comunidade à parte, as lendas dos heroísmos distantes...”

*Mutatis mutandis*, o mesmo ocorre com relação à Pátria comum e à região de nossa origem. Esta, chamada de “pátria menor”, tem sido objeto do estudo carinhoso dos maiores vultos da história nacional. O regionalismo funciona relativamente à Pátria maior como esta se situa em correspondência ao Universo. Guardar suas tradições não é enfraquecer a unidade nacional, que se compõe do somatório de todas essas — digamos — *pequenas grandes coisas*, de valor inestimável. Pelo contrário, o regionalismo fortalece o espírito de brasilidade, como este concorre, com sua particular parcela, para a formação do sentido universal da vida humana. Por isso, o amor ao Cariri fez de José de Figueiredo Filho e fez de José Denizard dois grandes cearenses, seu desvelo pelo Ceará os tornaram bons patriotas e sua paixão pelo Brasil os levou ao estudo do humanismo e do ocidentalismo, por eles considerados o que há de melhor no mundo.

Senhores:

É dessa estirpe o novo Acadêmico que hoje se empossa. “Não se explicava — afirmou-o Hugo Catunda, um dos nossos — que José Denizard permanecesse arredio da ilustre companhia, quando ela vive à cata de valores autênticos para se tornar ainda mais influente nos domínios da cultura — tão

ameaçada e até mesmo tão sufocada pela tecnologia delirante de nossos d'as." E esse apelo, de par com outros de igual sinceridade, há de ter despertado o modesto mas valoroso cavaleiro-andante do humanismo cristão e ocidental, este muitas vezes relegado, não apenas a segundo ou terceiro plano, mas ao desconhecimento total pelos planejadores, administradores e quejandos, tão absortos em suas cifras e diagramas que esquecem a verdade transcendental de que tudo isso se deve pôr, efetiva e adequadamente, a serviço do Homem e de sua Cultura, sem o que — perdoado eu seja pela figuração brejeira a que não posso irresistivelmente fugir — o cavalo do inglês morre muito melhorado. . .

Meu caro José Denizard:

A esta altura de minha louvação à sua obra e à sua personalidade, parece-me forçoso que eu, quebrando talvez o protocolo próprio de solenidades como a que presenciamos, me dirija diretamente a você, encerrando menos formalmente uma já tão longa parlenda. E o faço relembando, menos a você do que a todos nós, homens de letras e de pensamento, que a História nos mostra que a Humanidade por vezes apresenta fases de florescimento nas Artes, na Ciência e na Paz Social e Política, outras nos surpreende com tempos de declínio cultural, geralmente precedidos de ondas de agitações, de conflitos e de surpreendentes acontecimentos sócio-políticos.

Ora, o que vemos e sentimos como característica dos tempos modernos é a instabilidade em tudo, ocorrendo aceleradas mutações, algumas evidentemente para melhor, denunciadoras outras do retrocesso no campo da Paz social.

Nós, que ainda respiramos, Deus louvado, o **idealismo** próprio de tempos em que as qualidades morais constituíam saldos positivos no que tange ao conceito individual na sociedade, sentimos entristecidos que a Autoridade se dessora, por culpa do atrevimento da massa, que não se comporta como Povo, ou por culpa própria; o sentimento religioso se transmuta e transmigra, pela ginástica de uma "promoção do homem" que não promove senão seus promotores e que, se legítima, competiria a outros setores; e a valorização da bon-

dade, da honradez e da santidade de vida vão minguando. Assistimos, atônitos, ao aniquilamento do próprio Homem, apesar de nunca se ter enfatizado tanto a Paz, o Amor, a Comunicação, o Diálogo — erigidos em mitos de nosso tempo por via dos processos esvasiantes desses mesmos valores, dos quais se acham ausentes as inspirações espirituais. Erigimos a Ciência como necessariamente materialista e a Política Social como naturalmente pragmatista, transformadas em birutas norteadoras de nosso itinerário, esquecidos nós de que a chave da felicidade social se acha na qualidade do Homem integrado no grupo.

Sabendo, embora, que somente a cultura alicerçada na Moral pode tranqüilizar e pacificar a Humanidade, vemos, ao contrário disto, que os preceitos éticos se acham banidos do mundo e que a Fé se vem obscurecendo para florir em seu lugar toda uma gama de egoísmos, individualismos e egocentrismos. E isto é muito inconveniente, porquanto, como já dizia o Doutor Angélico, nosso Mestre, o indivíduo é número, compõe a massa, inconstante e irresponsável, enquanto a Pessoa integra o grupo mas, longe de influenciar-se, opina, orienta, dirige.

Percebemos, pois, prenúncios de aniquilação do legado cultural do Cristianismo e do Ocidente através de artifícios, ginásticas, engenhos, dissimulações e astúcias que mal disfarçam o intento daqueles que em vão tentam construir a Cidade sem Deus. A Civilização se acha ameaçada de ruína e periga o legado precioso e conquistado nas fases de exaltação criadora, através de longo e penoso trabalho. A Ciência, de si imparcial, não forneceria a solução para o angustiante fenômeno, pois apenas aponta o problema tal como ele se apresenta, não respondendo como poderia ser resolvido. A solução há de vir de mais alto, mas como tornar-se otimista se as comportas do Céu se fecharam e os homens se acham entregues a si próprios, visto como alguns dos Guias que Deus nos legou se mostram atarantados, inseguros ou acomodados, que é o que de melhor se pode dizer a respeito?

Vê-se, destarte, que nosso trabalho é gigantesco e exige prosseguimento. E as sociedades culturais, como esta que hoje lhe abre as portas, são igualmente chamadas, pelo legado de que são guardiãs, a salvaguardar o patrimônio cultural, moral e científico que os pró-homens de períodos anteriores nos legaram, após milênios de trabalho e de sabedoria.

Para o prosseguimento dessa luta é que você foi chamado.

Seja feliz!